

A CORPOREIDADE NEGADA AO CORPO NEGRO

Adriana Nascimento de Jesus ¹

INTRODUÇÃO

Em 2019 a população brasileira era de 210.147.125 pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ainda de acordo com o Instituto, no terceiro trimestre do mesmo ano, a porcentagem de pessoas que se autodeclararam da cor/raça preta ou parda no Brasil foi de 9% e 47,1%, respectivamente (IBGE, 2019). As terminologias usadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são “cor/raça preta ou parda”, porém, nesse artigo adotaremos o termo Raça Negra.

O Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis define raça: “ s.f.; Conjunto de indivíduos que pertencem a cada um dos grupos humanos, descendentes de uma família, de uma tribo ou de um povo, originário de um tronco comum.” (Michaelis, 2019). Biologicamente o conceito de raça não existe, contudo, representa uma categoria socialmente aceita, inclusive utilizada pelo movimento negro.

Joyce Gonçalves da Silva (2014, p. 271) defende em sua tese de mestrado que o significado de raça “está atrelado ao sentido histórico-cultural que este meio de diferenciação tem em uma sociedade e na sociedade brasileira”, é usado nas relações sociais, está associado a diversas características físicas como a cor da pele, cabelo e nariz, nas condições sociais e até mesmo em um determinado comportamento incorporado de preconceitos e estereótipos (GOMES, 2011b, SILVA, 2014).

Segundo Goellner, “um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno” (2008, p.28) e a corporeidade é a forma de ser e estar no mundo. Para o povo negro, tanto corpo quanto corporeidade são determinados pelo outro, normalmente branco, que busca docilizar esse grupo. Para Foucault (2004) corpos docilizados são mais fáceis de transformar e aperfeiçoar e, com isso, a identidade negra vai se construindo de acordo com a sua realidade: educação, moradia, renda, representações políticas e estéticas (GOMES, 2019; SILVA, 2014a). Todos esses, índices precários e de pouca representatividade.

¹ Mestranda do Programa Docência para Educação Básica – UNESP/Bauru. adriana.nascimeto@ifsp.edu.br

Na década de 70, movimentos negros surgem para romper com o controle sobre esse grupo étnico. Muitas conquistas foram realizadas nos últimos anos, como leis de ações afirmativas e como as cotas para as universidades (GOMES, 2011b).

Sendo a maior porcentagem da população brasileira, com mais de 100 anos desde o fim da escravidão, ainda vivemos um padrão eurocêntrico de sociedade. Portanto, esse artigo trata do corpo negro e seu objetivo é mostrar como essa corporeidade lhes foi historicamente negada e como esse grupo vem mudando essa realidade.

METODOLOGIA

Este artigo constitui uma revisão bibliográfica de caráter analítico a respeito da corporeidade do corpo negro. A coleta de dados foi realizada no período de 03 novembro a 10 de dezembro de 2019 e utilizou-se para a pesquisa as seguintes bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Google Acadêmico, Periódicos CAPES/MEC e o site de busca Google. Na busca de artigos científicos que se adequassem aos critérios de inclusão, foram utilizadas as seguintes expressões: corporeidade, corporeidade negra, corpo negro, negro, negro na mídia e corpo preto.

DISCUSSÃO

Hoje vivenciamos um culto ao corpo, iniciado no final do século XVIII. Mas é no início do século XIX que esse culto se intensifica, graças à relevância que as relações entre os indivíduos ganharam. Esse período é importante pois a ciência está voltada para o estudo do corpo, porém ela acaba usando um discurso científico para determinar quais representações corporais eram as adequadas, como por exemplo: tamanho do cérebro determina a inteligência, a aparência e feições do corpo determinavam a aptidão ou não para o trabalho manual, e o tamanho das mãos poderia dizer se a pessoa era louca ou não. Por fim essas “classificações colaboraram para que diferentes hierarquizações se estruturassem entre os humanos” (GOELLNER, 2008, p. 34).

Historicamente, o corpo foi subjugado à condição inferior a partir do momento em que se divide o ser humano em duas partes: “mente e corpo”. Esse modo de compreender o corpo é iniciado quando Platão concebe ontologicamente o homem como aquele que pertence a dois

mundos: o mundo sensível/material – imperfeito, do qual faz parte a natureza e, conseqüentemente, a parte física do corpo e o mundo das ideias – perfeito, alocado na mente (GALLO, 2006, apud GONÇALVES-SILVA et al., 2018, p. 186).

Goellner (2008) descreve o corpo como um conjunto de signos, construído a partir dos espaços, conjecturas econômicas, sociais, acessórios, roupas e as intervenções que nele se operam. O corpo é histórico, provisório, mutável e mutante, é a característica mais significativa da presença humana. Na sociedade atual, os indivíduos negam seus corpos e, com isso, perdem suas identidades, já que não se reconhecem em si mesmas (MARTINS, 2015).

Segundo Foucault (apud GOELLNER, 2008) o corpo é controlado não pela consciência ou ideologia, e sim pela sociedade. Sociedade essa que tem como objetivo docilizar o corpo, nesse contexto, principalmente o corpo negro, para se tornar mais uma peça na grande máquina de produção. Foucault (2004, p. 117) explica que é “dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

No Brasil, os negros começaram a docilização dos seus corpos no período colonial e imperial. Nesse período, o corpo negro tinha apenas a função de movimentar a economia, negando, assim, a esse povo, o direito não só à liberdade, mas à sua corporeidade. Mesmo após libertos, esse povo continua ignorante da sua corporeidade, graças a conjunturas como o racismo e da desigualdade social (GOMES, 2011a).

Nossa identidade é construída também a partir da corporeidade. Corporeidade é corpo em movimento, mas também é potencialidades, é nossa relação com o mundo. Moreira (2003, p. 2) em seu texto “Corporeidade é!!!” descreve as diferentes **faça** da corporeidade, destaco essa: “Corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades, através de atos ousados ou através de recuos necessários sem achar que um nega o outro”.

A invisibilidade do corpo negro não é total na nossa sociedade. Ela foi engenhosamente construída para se fazer presente na “folclorização, exotismo ou negação. Ou então quando esse corpo é apresentado e representado como indisciplinado, lento, fora do ritmo, que não aprende, violento” (GOMES, 2011, p.50).

A forma como o negro se auto identifica e se expressa está relacionada a sua renda, moradia, educação, colocação no mercado, etc., a “expressão estética negra é inseparável do plano político, do econômico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade” (GOMES, 2012, p.10). Segundo o IBGE (2019, p. 12) a “população de cor ou raça preta ou parda possui severas desvantagens em relação à branca, no que tange às dimensões [...] – mercado de trabalho, distribuição de rendimento e condições de

moradia, educação, violência e representação política”. Com isso, a “corporeidade negra sofre em ser-no-mundo” (SILVA, 2014a, p. 270).

No centro da busca por essa identidade, entra o movimento negro. Surgido na década de 70 juntamente com outros movimentos sociais, ele ocupa a posição de sujeito político que reivindica junto aos órgãos públicos a emancipação sociorracial. Concomitantemente, os saberes da comunidade negra “sobre a estética negra ou afro-brasileira foram sendo construídos, aprendidos, ressignificados e socializados. Esses saberes estão presentes em toda a sociedade, mesmo que não sejam reconhecidos como tais” (GOMES, 2011a, p. 50).

Estamos vendo um aumento da representatividade negra na mídia, mas ela ainda se manifesta de maneira caricata. Nas novelas são normalmente o núcleo pobre, subalterno, que fala alto, gosta de funk, samba e carnaval. Campos e Júnior (2016) investigaram a participação dos negros nas telenovelas da Rede Globo, entre os anos de 1985 e 2014, e concluíram “brancos representam cerca de 91,2% dos atores e atrizes” (p. 50). Na propaganda, mesmo que o negro esteja no centro da campanha, o destaque vai ser do cabelo estilo “black power” ou das tranças (GOMES, 2011a).

Mesmo que ainda não seja um número significativo, os negros estão ocupando outros espaços além daqueles que nos foi deixado pela nossa história escravocrata. Entretanto, precisa lutar para superar “o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país” (GOMES, 2011a, p.3).

Ações afirmativas que reeducam a sociedade brasileira, no que se refere a corporeidade, tornam-se necessárias para que o negro saiba se posicionar politicamente e socialmente. “Ao se identificar como negro no Brasil, o sujeito participa de um processo de mudança lógica corporal” (GOMES, 2001b, p.150). Uma mudança de postura é percebida nos alunos cotistas, autodeclarados pretos ou pardos, nas universidades públicas. “Eles passam a valorizar a corporeidade negra por meio de uma postura mais confiante e afirmativa no universo acadêmico e vários deles passam a adotar símbolos étnicos (penteados, cores, roupas, adornos, símbolos)” (GOMES, 2011B, P. 150). Esses estudantes passam a vivenciar a identidade que lhes foi negada pelo racismo, se apropriam da política, da cultura e da recreação em espaços com maior incidência da população negra.

O Brasil é um país onde a corporeidade é uma forma de expressão cultural, porém, os corpos são vistos e tratados de formas diferentes. Nesse processo, a corporeidade do corpo negro vem superandos os estereótipos, o erotismo e o racismo para sua autonomia, e o caminho para tal é sua emancipação social, tendo o povo negro como sujeito (GOMES, 2011, p. 52).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo após a abolição da escravidão, os negros permanecem reféns de uma estrutura social que limita a construção da sua identidade a partir do seu corpo e, por consequência, sua corporeidade. Seus corpos foram doutrinados, objetificados, limitados, tudo em nome de outro grupo que se impõe sobre eles.

Cada vez mais, pardos e pretos se identificam como negros e se organizam em grupos que promovem o debate político e socialização da história e da cultura desse grupo que, mesmo sendo maioria, está à margem da sociedade. Lentamente os negros avançam para sua emancipação com a inserção de representantes na mídia, na política, na universidade, enfim, em locais antes sem representação, e esse processo vem gerando identificação dos que ainda estão se apropriando da sua identidade, logo, sua corporeidade.

Palavras-chave: corporeidade, corpo, negro.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, L. A.; FERES JÚNIOR, J. “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985 – 2014). **Plural**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 36-52, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/118380>>. Acesso em: 1 set. 2021.

FOUCAULT, M.; SANTOS, J. J. R. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 262 p.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 28-40.

GOMES, N. L. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 1, n. 2, p. 37-60, 2011a. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/35/18>>. Acesso em: 25 de ago. 2021.

GOMES, N. L. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 10, n. 18, p.133-154, abr, 2011b. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n18p133/17537>>. Acesso em: 26 de ago. 2021.



GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%c3%admbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

GONÇALVES-SILVA, L. L. et al. Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p.185-209, mar, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/H6PNWRLw3Bt98YzyC6vqqvC/?lang=pt>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informação Demográfica e Socioeconômica: Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Rio de Janeiro, 2019. E-book. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-porcor-ou-raca.html>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação?: notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p.599-615, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313716015> Acesso em: 27 ago. 2021.

MARTINS, E. C. A corporeidade na aprendizagem escolar (Entrelaços fenomenológicos do pensar e agir). **Educar em Revista**, Curitiba, n. 56, p.163-180, jun, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/TZvQfbWjYc757XpyYJrvFLM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MOREIRA, W. W. Corporeidade é! Croniqueta 27 – **Atual Forma**. Jan, 2003. Disponível em: <http://adm.online.unip.br/img_ead_dp/35421.PDF>. Acesso em: 9 out 2019.

SILVA, J. G. A corporeidade e o discurso: aportes de uma identidade social negra. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/36341893/A_Corporeidade_e_o_Discurso_Aportes_de_uma_Ide ntidade_Social_Negra>. Acesso em: 17 nov. 2019.

SILVA, J. G. Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação. In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 3., 2014, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UNIPAMPA, 2014. Disponível em: <<http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2017/18.%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SOBREIRA, V.; NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. Do corpo à corporeidade: uma possibilidade educativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 3, p.68-77, dez, 2016. Disponível em: <<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/5799/3535>>. Acesso em: 10 set. 2021.